essa história começa em

1914

Fonte: revista athena

Formação do primeiro grupo carnavalesco de São Paulo, fundado por Inocêncio Tobias e Cacilda Costa, ou Dona Sinhá.

1939 | 1963

Fonte: acervo pessoal

Nascimento, em Santa Cruz de la Sierra - Bolivia, de Domênico (meu avô).

Imigra para São Paulo aos 24 anos, e consegue moradia em um cortiço na Bela Vista.

Conhece, no mesmo ano, no campeonato paulista a Academia de Futebol sob comando de Ademir da Guia, o Palmeiras. Início da paixão familiar pelo esporte.

1973

Fonte: acervo pessoal

Compra do terreno no jardim Dona Sinhá.

Constrói, com o auxílio dos vizinhos, um barraco de madeira para ele, minha vó, e seus três filhos.

2001

Fonte: acervo pessoal

Meu nascimento.
28 anos depois, em um contexto em que o terreno já foi repartido entre alguns vizinhos.

Lote 6x15, casa de alvenaria.

2019 | 2023

2019, início da faculdade de arquitetura.

2022, minha saída do Sapopemba para a Barra Funda.

2023, o ano em que entro em contato com o diagnóstico e o plano de remoção para o Sinhá.

2024

Ano de desenvolvimento deste trabalho,
de alguém que deve ao território tudo o que recebeu.

Fonte: pmsp

SINHÁ. a centralidade do campo na periferia.

Essa história tem cor verde e branco. Mas também preto. Preto mulher.
E começa num cordão.

No ano de 1917, na Bela Vista, nascia Cacilda Costa. O pai, surpreso com a claridade da pele da menina, deu a ela seu apelido de vida: “parece nega sinhá”. Dona Sinhá, como seria eternizada, era sobrinha de Dionísio Barbosa, fundador do primeiro cordão de São Paulo. O contexto familiar de samba acabou influenciando a menina pelo resto da vida, sendo reconhecida oficialmente como “Dama do Samba Paulista” na mesma década em que se estruturava a favela que anos depois receberia seu apelido. Dona Sinhá.

Meu avô, imigrante boliviano, decidido a sair do Bixiga com minha avó, paulista, escuta de parentes dela sobre o novo loteamento que estava sendo aberto na zona leste da cidade. É nesse terreno que minha família inteira acontece: é onde meus avós morrem, onde meus pais começam, onde eu nasço e onde minha família ainda vive. Em 2023, a Prefeitura Municipal de São Paulo elabora um diagnóstico de uma área que abrange todo o loteamento Jardim Dona Sinhá, incluindo a favela. É a existência desse documento e o conhecimento a respeito do projeto de remoção massiva, que fundamenta o trabalho apresentado. Então escolho, deliberadamente, o que é antagônico a essa violência: O campo. O coração da favela.

Onde estão as principais dinâmicas, onde estão os encontros, onde estão as instituições e as lideranças.
É a partir desse espaço que tento traçar um novo caminho.

Fonte: acervo pessoal

“DE QUEM SÃO ESSAS CASAS?”

**Sapopemba é o retrato da história das periferias brasileiras.
É o maior trecho de avenida do país que dá nome à região. A princípio ocupado por portugueses e italianos, o distrito do Sapopemba passa, a partir de 1930, a receber um contingente significativo de migrantes oriundos de outras regiões do Brasil, sobretudo nordestinos, em busca da promessa de ascensão social. Isso “implicou muitas vezes deixar parte da família, se dedicar a atividades manuais, com baixa remuneração, e tentar garantir a moradia por meio da autoconstrução” (Richmond, et al., 2020, p.15). Esse movimento foi responsável pelo início dos loteamentos e dos primeiros conjuntos habitacionais do território. O Sapopemba começa, assim, a se expandir para as bordas da cidade, tornando evidente as fissuras inerentes à forma com que a cidade se desenvolvia. As moradias improvisadas e a clara carência de serviços, sobretudo de infraestrutura, transformaram a região num grande palco da desigualdade social, própria do modelo de urbanização estruturada na alienação e precarização dos trabalhadores e de suas famílias (id. ibid.).**

**A pergunta aqui posta como subtítulo, foi feita por um professor diante da apresentação do meu tema à ele. Não precisei (nem consegui) responder, porque ele o fez logo em seguida: “Essas casas são do tráfico!”
E sugeriu que eu seguisse com o projeto de remoção massiva e a construção de um parque.
O professor foi afastado da disciplina, mas esse pensamento é tão aceito quanto, ainda, presente na cidade, vide o que aconteceu e o que está acontecendo na favela do Moinho (SP).
Este trabalho é, então, a tentativa de apresentar este lugar, cuja dimensão não o evidencia por estar nas bordas, e que vive, hoje, sob a promessa de um fim, elaborado pela Prefeitura Municipal de São Paulo.**

Escolho, como recorte, o Sinha I. Onde está o campo de futebol.

FAVELA DO SINHA I

Fonte: google earth

São Paulo é como o mundo todo, e o Sinhá é como São Paulo inteira.

01. FAVELA

Parte significativa dos dados obtidos sobre o Sinhá advém de um relatório emitido em outubro de 2023 pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP). Um diagnóstico que reinicia o processo de regularização fundiária da área.

O documento trata o núcleo urbano denominado “Parque dos Bancários - Jardim Dona Sinhá” de um loteamento particular irregular. Os dados do Geosampa apontam uma área total ocupada pelos loteamentos de, aproximadamente, 534.517,73m². Sendo a área ocupada pela favela de 165.150,74m², com um total de 3.500 domicílios.

A análise urbanística realizada pela PMSP descreve o núcleo da seguinte forma:

“A referida área encontra-se urbanizada e consolidada, apresentando infraestrutura urbana adequada, com malha viária bem definida, leito carroçável pavimentado, sistema de drenagem para águas pluviais, transporte público e coleta regular dos resíduos sólidos domiciliares. Possui sistema de saneamento básico com fornecimento de água potável, coleta e tratamento de esgoto parcial, verificado principalmente na região de “favela”.” (PMSP, 2023, p. 7)

Por maior que seja, se tá na borda, não se vê.

	fv_id	fv_nome	fv_nom_sec	fv_local	fv_domicil	fv_area	fv_ano_imp	fv_tp_prop
1	387	PARAISÓPOLIS	NULL	RUA PASQUALE GALLUPI	17159	788093,80	1960	Pública/Particular
2	1477	HELIÓPOLIS	NULL	ESTRADA DAS LAGRIMAS / R...	15843	624214,89	1972	Pública
3	479	SINHÁ	SINHÁ I E II	ESTRADA BARREIRA GRANDE...	3500	165150,74	1967	Pública/Particular
4	496	JARDIM JAQUELINE	NULL	RUA VALENTIN SEITZ	3392	134443,23	1962	Pública/Particular
5	1523	JARDIM COLOMBO	NULL	RUA CLEMENTINE BRENNE	3244	144779,77	1942	Pública/Particular

Fonte: geosampa

Apesar de ser considerada uma única favela, o Sinhá se subdivide, espacialmente, em duas favelas: Sinhá I e Sinhá II.
A área possui um número de domicílios muito similar à de favelas como o Jardim Jaqueline e Jardim Colombo, sendo menor apenas quando comparado a favela do Heliópolis e de Paraisópolis.
O Sinhá, no entanto, se destaca por ser uma favela dessa dimensão em um território periférico. Ou seja, longe das grandes infraestruturas e das disputas territoriais características. Nesse sentido, as questões de se viver na favela somam-se às questões relativas ao viver nas margens, justamente onde o “Estado não chega” : a invisibilidade, tão potencializada pelo contexto, dobra. E a análise urbanística precisa, necessariamente, partir desta consideração.

Hoje, no Sinhá, não há organizações de moradores. No entanto, existem outras esferas que atuam na gestão do território, sobretudo:
▪ Liderança, exercida pelo presidente do time do bairro;
▪ Vozes das Periferias;
A presença do Estado na favela, além da violência conhecida e reconhecida, é representada pela atuação de agentes de saúde e assistentes sociais, que desempenham um papel fundamental no cuidado e acompanhamento da população moradora. Esses atores são responsáveis pela ponte entre a comunidade e o acesso a serviços públicos, garantido através do diálogo constante, e continuamente promovido através de campanhas e ações que perpassam as visitas domiciliares e as ações de prevenção. As intervenções urbanísticas “estatais” são, sobretudo, as ações que ocorrem nos períodos eleitorais. Mas é o trabalho social que sustenta o Sinhá. Sem estrutura pra atuação, as instituições utilizam espaços cedidos pelas igrejas locais, e se mantém através de doações.

Fonte: MMBB

Fonte: Fernanda Luz

O tecido urbano narra a crônica do esporte na periferia e é expressivo quanto a sua relevância para a população.
Diana Mendes em seu livro “Futebol de Várzea em São Paulo - A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)” descreve como, no início do século XX, os negros e imigrantes moradores da região da Barra Funda, se apropriam das extensas áreas de várzea que surgiam com os períodos de estiagem do rio Tietê, para a realização de atividades diversas, incluindo a prática do esporte que seria eternizado como “futebol de várzea”.
Em entrevista para Cecília Garcia (2018), a autora afirma:
“O Estado não chegava no subúrbio. A Barra Funda de baixo era dos negros, dos imigrantes, das enchentes. As pessoas que moravam lá ficavam sujeitas ao regime do rio se auto-organizavam para o lazer, criando clubes de futebol (...). Era uma espécie de política no sentido primeiro, fazer uma mobilização por algo desejado, algo bom para a comunidade.”

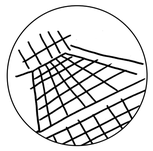
O futebol de várzea dá corpo a essa luta de reafirmação do direito ao lazer e a comunhão entre os moradores dos territórios periféricos. A construção e manutenção dessas áreas expressam uma intensa organização e participação social pela apropriação do espaço urbano.

Fonte: Jefferson Aguiar

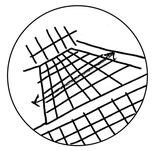
A ausência sistêmica dos espaços livres e públicos nas áreas periféricas, delega à população desses territórios a responsabilidade de autoconstruir não só suas casas, mas também a produção do espaço urbano (Maricato, 1979). Esse fenômeno está carimbado nos territórios periféricos em terrenos de terra batida ou de recente gramado, em extensas áreas, delimitadas pela existência das casas. O vazio é a exigência posta pelos moradores do lugar; ninguém ousa romper com a lei local averbada naquele limite. Três mil e setecentos metros quadrados reivindicados para uma construção não-edificada: o campo.
É a centralidade dessa pré-existência e a característica do tecido urbano do seu entorno que justificam a localização do projeto. E mais que a necessidade de se ter, é sobretudo sobre o desejo de se poder. É a possibilidade de acesso à favela, de vazio à favela, de ócio e não-ócio. Tudo se faz de forma estrategicamente sutil em uma área de 1.030m² — metragem correspondente a menos de 1/3 da dimensão do Campo, de 3.700m². O terreno obtido foi possível com a remoção de 18 casas, sendo 10 residências de padrão térreo e 8 residências de dois pavimentos. A área corresponde ao cenário mais crítico de adensamento da favela que, inevitavelmente, recebe, também, as casas mais precárias, em termos de construção.

03. PROJETO

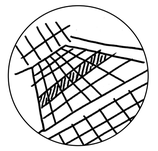
reconhecimento do traçado



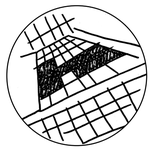
estudo de conexões



definição do eixo



determinação dos espaços



Fonte: acervo pessoal

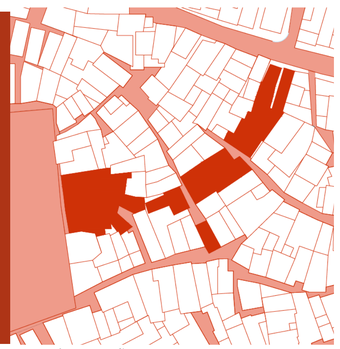
Fonte: pmsp sehab

02. DIAGNÓSTICO

O desenho ao lado é o mapa elaborado pela PMSP, delimitante a área de remoções dentro do Sinhá I. São ao menos 300 lotes demarcados, se considerarmos que cada lote tem ao menos duas famílias e cada família é composta por algo em torno de 4 pessoas, então podemos considerar um número base de 2.400 pessoas.

**Cabem algumas observações a isso:
▪ A favela que está demarcada tem quase 60 anos de história.
▪ Não existem riscos hidrológicos e geológicos associados à área do Sinhá I.
▪ A mancha de remoções é muito compatível com as áreas que não foram anteriormente loteadas.
▪ A passagem de casas sobre galerias é uma ocorrência comum ao traçado urbano da cidade. Construções “formais” passam por essas infraestruturas, fora do risco de remoção.**

**É difícil não ater-se ao caráter arbitrário que o projeto de remoções expressa ao termos em conta estas questões, pois fundamentado em preceitos e legalidades comuns a um desenho de cidade protocolar, se contrapõe à realidade das formas urbanas marginalizadas.
É fato que, assim como em qualquer outro cenário de assentamento informal, se observe a presença de residências em situação de verdadeira vulnerabilidade no que tange o acesso às infraestruturas básicas. A condição é relatada pela liderança: “tem gente sem esgoto!”.
O ponto é: a intervenção nas cidades, sobretudo no território favelado[3], deveria ser uma costura: que olha os pontos de forma cuidadosa, reconhecendo as linhas disponíveis e as linhas desejadas, se atentando à trama do pano e reconhecendo a pessoa que receberá este bordado. Bordado que, como Maria Bethânia[4] canta, deve ser pensado no seu avesso, considerando o que não se conhece. Uma verdadeira intervenção, coerente e humanitária, de modo algum se estende à mancha descrita pela municipalidade, com a retirada de milhares pessoas só no Sinhá 1. Ademais, a impossibilidade alegada pela concessionária de se mapear as galerias presentes na favela aditada ao uso de uma base produzida há dez anos, apenas reforçam a imprudência do plano.**



mapa de remoções

Fonte: acervo pessoal

mapa de acessos das casas confrontantes